



Quid sit idea¹

G. W. Leibniz

Ante omnia IDEÆ nomine intelligimus aliquid, quod in mente nostra est, vestigia ergo impressa cerebro non sunt ideæ, pro certo enim sumo Mentem aliud esse quam cerebrum aut subtiliorem substantiæ cerebri partem.

Multa autem sunt in mente nostra, exempli causa, cogitationes, perceptiones, affectus, quæ agnoscimus non esse ideas, etsi sine ideis non fiant. Idea enim nobis non in quodam cogitandi actu, sed facultate consistit, et ideam rei habere dicimur, etsi de ea non cogitemus, modo data occasione de ea cogitare possimus.

Est tamen et in hoc difficultas quædam, habemus enim facultatem remotam cogitandi de omnibus, etiam quorum ideas forte non habemus, quia facultatem habemus eas recipiendi. Idea ergo postulat propinquam quandam cogitandi de re facultatem, sive facilitatem.

Sed ne hoc quidem sufficit, nam qui methodum habet quam si sequatur ad rem pervenire possit, non ideo habet ejus ideam. Ut si ordine enumerem Coni sectiones, certum est me venturum in cognitionem Hyperbolarum oppositarum, quamvis nondum earum ideam habeam. Necesse est ergo esse aliquid in me, quod non tantum ad rem ducat, sed etiam eam exprimat.

Exprimere aliquam rem dicitur illud in quo habentur habitudines, quæ habitudinibus rei exprimendæ respondent. Sed eæ expressiones variæ sunt; exempli causa modulus Machinæ exprimit machinam ipsam, scenographica rei in plano delineatio exprimit solidum, oratio exprimit cogitationes et veritates; characteres exprimunt numeros, æquatio Algebraica exprimit circulum aliamve figuram; et, quod expressionibus istis commune est, ex sola contemplatione habitudinum exprimentis, possumus venire in cognitionem proprietatum respondentium rei exprimendæ. Unde patet non esse necessarium ut id quod exprimit simile sit rei expressæ, modo habitudinum quædam analogia servetur.

Patet etiam expressiones alias fundamentum habere in natura, alias vero saltem ex parte fundari in arbitrio ut sunt expressiones quæ fiunt per voces aut characteres. Quæ in natura fundantur, eæ vel similitudinem aliquam postulant, qualis est inter circulum magnum et parvum, vel inter regionem et regionis tabulam geographicam; vel certe connexionem qualis est inter circulum et ellipsin quæ eum optice repræsentat, quodlibet enim punctum ellipseos secundum certam quandam legem alicui puncto circuli respondet. Imo circulus per aliam figuram similiorem in tali casu male repræsentaretur. Similiter omnis effectus integer, repræsentat causam plenam, possum enim semper ex cognitione talis effectus devenire in cognitionem suæ causæ. Ita facta cujusque repræsentant ejus animum, et Mundus ipse quodammodo repræsentat Deum; fieri etiam potest ut ea ses mutuo

1 In Leibniz, *Sämtliche Schriften und Briefe, Sechste Reihe: Philosophische Schriften, Vierter Band, Teil B*. Berlin: Akademie Verlag, 1999, pp. 1369-1371. Texto provavelmente escrito no outono de 1677.

exprimant quæ oriuntur av eadem causa, exempli causa gestus et sermo. Ita surdi quidam loquentes non ex sono, sed ex motu oris intelligunt.

Ideam itaque rerum in nobis esse, nihil aliud est, quam Deum autorem partier et rerum et mentis eam menti facultatem cogitandi impressisse, ut ex suis operationibus ea ducere possit quæ perfecte respondeant his quæ sequuntur ex rebus. Etsi itaque idea circuli non sit circulo similis, tamen ex ea veritates duci possunt, quas in vero circulo experientia haud dubie esset confirmatura.

O que é ideia

Tradução: Guilherme Ivo

Antes de tudo, pelo nome IDEIA entendemos algo que está em nossa mente, logo vestígios impressos no cérebro não são ideias, pois tenho por certo que a Mente é outra coisa que não o cérebro ou a parte mais sutil da substância do cérebro.

Em nossa mente há todavia muitas coisas, à guisa de exemplo, há pensamentos, percepções, afetos, que admitimos não serem ideias, embora sem ideias não se façam. Para nós, então, a Ideia consiste, não num ato qualquer do pensamento, mas numa faculdade, e dizemos ter a ideia duma coisa, ainda que não pensemos sobre ela, desde que em dada ocasião possamos pensar sobre ela.

Há no entanto certa dificuldade, pois temos a remota faculdade de pensar sobre tudo que é coisa, tudo mesmo de que talvez nem tenhamos ideias, já que temos a faculdade de as receber. Ideia, portanto, exige certa faculdade próxima, ou facilidade, de pensar sobre uma coisa.

Mas isso também não basta, pois quem tiver um método que sendo seguido pode chegar numa coisa, não é por conta dele que terá a ideia dela. É como se eu ordenadamente enumerasse as seções do Cone, e decerto me virão em pensamento as Hipérboles opostas, embora delas eu ainda não tenha a ideia. Logo é necessário haver algo em mim, que não apenas conduza à coisa, mas também a exprima.

Dizemos exprimir alguma coisa aquilo em que há compleições que correspondem às compleições da coisa que tem de ser exprimida. Mas tais expressões são várias; por exemplo, o módulo da Máquina exprime a própria máquina, o desenho em perspectiva de uma coisa num plano exprime um sólido, um discurso exprime pensamentos e verdades; caracteres exprimem números, uma equação Algébrica exprime um círculo ou uma outra figura; e o que há de comum entre essas expressões é que podemos, apenas pela contemplação da compleição do exprimente, chegar ao pensamento das propriedades correspondentes à coisa que tem de ser exprimida. Donde se fica evidente não ser necessário, àquilo que exprime, que seja semelhante à coisa exprimida, desde que se conserve alguma analogia entre as compleições.²

2 Nota da trad.: “Compleição”, neste parágrafo, traduz habitus. Trata-se do sentido antigo desta palavra latina, cuja linha linguística pode ser traçada a partir do grego $\sigma \times \acute{\epsilon} \sigma \iota \varsigma$, o aspecto de algo, o hábito de um corpo, aquilo pelo qual se dispõe uma coisa ou uma ideia. Poder-se-ia traduzir habitus por “relação” (como na tr. ingl. de Leroy E. Loemker: *What is an Idea?* in Leibniz, *Philosophical Papers and Letters*. 2ª ed. Dordrecht/Boston: D. Reidel, 1976, pp. 207-208), seja por sua origem grega ($\sigma \times \acute{\epsilon} \sigma \iota \varsigma$ deriva para este significado), seja porque Leibniz parece traduzi-lo assim, p. ex., na carta de 9 de out. de 1687 a A. Arnauld (“Une chose exprime une autre (dans mon langage) lorsqu’il y a un rapport constant et réglé entre ce qui se peut dire de l’une et de l’autre”). Mas antes seria preciso explicar-se a respeito de outro termo latino, *relatio*, que igualmente exigiria ser transposto por “relação”, como também a respeito das dificuldades de tradução do termo francês *rapport*, não apenas mas sobretudo em sua conexão com habitus, pois não é claro que vertê-lo por “relação” baste para tanto. Não seria prudente, de toda maneira, perder o sentido de habitus como o aspecto ou a disposição (o hábito mesmo) de alguma coisa, embora não se pretenda fazer

Fica-se também evidente que algumas expressões têm fundamento na natureza, ao passo que outras, ao menos parcialmente, fundam-se no arbítrio, como é o caso das expressões que se fazem por sons de voz ou por caracteres. As que são fundadas na natureza, ou exigem alguma semelhança, tal como há entre um círculo grande e um pequeno, ou entre uma região e o mapa geográfico desta região; ou então, pelo menos, [exigem] alguma conexão, tal como há entre um círculo e a elipse que o representa opticamente, pois cada ponto que se queira da elipse, segundo certa lei, corresponde a algum ponto do círculo. E ainda o círculo é mal representado, neste caso, se o for por outra figura semelhante. Outrossim todo efeito integral representa a causa plena, pois sempre posso, do pensamento deste efeito, devir em pensamento de sua causa. Destarte os feitos de alguém representam seu ânimo, e o próprio Mundo, de certo modo, representa Deus; pode também acontecer que se exprimam mutuamente coisas oriundas de mesma causa, o gesto e a fala, como exemplo. Destarte certos surdos que entendem os que falam, não a partir do som, mas do movimento da boca.

Que assim a Ideia das coisas esteja em nós, isso nada quer dizer senão que Deus, autor tanto das coisas como da mente, tenha imprimido na mente uma faculdade de pensar que pudesse conduzir, de suas operações, tudo quanto corresponde perfeitamente ao que se segue das coisas. Assim é que, embora a ideia do círculo não seja semelhante ao círculo, dela se pode tirar verdades, que na experiência do círculo verdadeiro teriam, sem dúvida, confirmação.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

de “compleição” uma solução impecável.